

Sinais de recuperação

Pouco a pouco se confirmam as previsões não propriamente otimistas e sim realistas sobre a economia brasileira. Os derrotistas são os que teimam em negar as evidências. Mas agora é o Fundo Monetário Internacional que presencia, com silêncio aprovador (quem cala consente), a movimentação de representantes do Lloyds Bank e Bankers Trustee das matrizes financeiras do mundo, Londres e Nova Iorque, no sentido de reabertura de novas linhas de crédito ao Brasil.

Note-se bem: linhas de empréstimos-investimentos, em vez de jumbos para tapar buracos. O Brasil merece muito além disso. Aí está a prova. Os incrédulos que se mexam, em busca de novos pretextos.

Pois o problema é este mesmo, ainda existe quem negue os fatos, por mais óbvios que ressaltem.

O que vem acontecendo, contudo, no País, nos últimos anos?

O chamado "enxugamento" da economia passou a significar um desafio quase mortal. A nação cortou fundo suas carnes, porém, nem por isto a hemorragia a fez exangue. Muito pelo contrário, ocorreu uma esplêndida reação, de que dão mostras as elevações de produção do petróleo e da agricultura, os dois pontos fracos maiores: energia e alimentos, há décadas consumindo o grosso dos recursos obtidos com as exportações. Deficiências históricas, enfim, a caminho de superação, sabe Deus com quantos sacrifícios.

Porque em relação ao conjunto da economia o Brasil sempre teve condições de acelerada expansão. Apesar de continuar, até então, como uma espécie de gigante de pés de barro.

Muitas polêmicas irromperam quando relatórios, para a Petrobrás, afirmaram a existência de petróleo na plataforma continental, em vez da terra firme. Desabaram tempestades de protestos. Parecia que o custo, naturalmente maior do outro tipo de prospecção e exploração, tornaria proibitiva a almejada autosuficiência do combustível fóssil.

Nem assim a Petrobrás desanimou.

Foram começando a secar os velhos poços do Recôncavo baiano, que tinham demonstrado a ocorrência do óleo, diante dos primeiros pessimistas. Entremeses, o trabalho deslocou-se, pouco a pouco, rumo ao mar, perigoso e caro, depois também vencido. O incêndio na plataforma de Enchovas, no litoral fluminense, próximo dos grandes centros consumidores, aparece agora como um símbolo dramático dos sacrifícios, mais que meros esforços de tanto combate. As chamas, que dali se elevaram, foram contidas, outro demônio exorcizado. Chegaram a custar vidas humanas, dos heróis anônimos que constroem o mundo. A televisão transmitiu ao vivo a extensão da tragédia. O Brasil enfrenta-o e de novo vencerá, o pior já passou, a época do

desconhecimento que ali havia petróleo.

O mesmo se diga da agricultura, superando secas no Nordeste e enchentes no Sul. O trabalhador e o empresário rurais voltaram aos campos, reconstruíram as ruínas, mostraram também o que valem. O Brasil continuará exportador de produtos agrícolas importantes, entre os primeiros. Nada conseguiu abater este setor da economia.

E com energia e alimentos, que pode temer uma nação?

Tudo o mais vem por acréscimo.

A indústria vai recuperando seus índices, as feridas sociais principiam a cicatrizar. O impacto da urbanização maciça atingirá o pique exatamente quando começou a recessão internacional a ecoar no Brasil. Que demora a absorver a pancada, mas já sai da convalescência.

Ninguém se iluda.

O FMI não se compõe de ingênuos, maus ou bons. Trata-se de gente realista e experimentada que não iria apagar a luz vermelha, dada a um possível insolvente, por conta de qualquer sentimentalismo. Se o sinal está passando de amarelo a verde é porque se reabrem as estradas dos investimentos, além de meros financiamentos especulativos, como parecem à primeira vista. Só um cego não o vê. Ou passionais embriagados com hipóteses que desejam ver materializadas de qualquer jeito.